

ANPOCS/1999

O USO DA LINGUA TERENA SEGUNDO UMA ANÁLISE MACRO SOCIOLINGUISTICA

Maria Elisa Ladeira.

Este texto é parte de meu projeto de tese de doutorado junto ao Departamento de Linguística da USP e de algumas reflexões sobre a questão da educação escolar entre os Terena decorrentes da coordenação do projeto de Educação Escolar Indígena do Centro de Trabalho Indigenista/CTI. Inicialmente apresentamos um pequeno resumo de quem são os Terena e de sua situação atual. Na seqüência a Introdução pode ser lida com 2 variantes (que não são exclusivas), você pode escolher ler a variante 1, que trata mais especificamente da questão escolar, ou a variante 2 que apresenta um resumo da proposta de tese. A segunda parte apresenta uma radiografia da situação de uso da língua Terena no município de Miranda(MS) e que se constituiria, em princípio, em um primeiro capítulo da tese.

Apresentando os Terena

O povo Terena, único subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil, pertence ao tronco lingüístico Aruak. A historiografia nos informa que os Terena são um dos sub-grupos Guaná . Esse povo, através de sucessivas levadas migratórias, que se intensificaram em meados do século XVIII, cruzou o rio Paraguai em direção ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, provenientes do Chaco paraguaio/boliviano, região mítica chamada de Êxiva na história oral Terena. Faziam também parte destes Guaná (chamados pelos cronistas de Xané) os Layana, Kinikinaua e Exoaladi, hoje todos reconhecidos sob a identidade genérica de Terena . A variedade linguística decorrente da junção destes 4 subgrupos Guaná pode ser uma variável a ser explorada para se compreender o processo de construção de uma identidade comum . Sabemos que a identidade de um grupo é simultânea e constantemente produzida em muitos

locais e pormuitos agentes com perspectivas e finalidades diferentes. Por isso acreditamos que ao ter como modelo a atualização, por um grupo familiar Terena das normas sociais determinantes da conduta linguística e atitudes ante a língua, poderemos apreender, nas situações diversas das histórias de vida das pessoas que compõem o grupo familiar, este processo de construção da identidade Terena

De todos os subgrupos Guaná, o Terena foi o que se manteve mais afastado do contato com o colonizador europeu até que, na segunda metade do séc. XIX, a convulsão provocada no sul da então Província de Mato Grosso pela guerra entre a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e o Paraguai iniciou um processo de profunda desestruturação de sua organização tradicional e seu território progressivamente diminuído.

No início deste século, ao atravessar a vasta região entre Campo Grande e Corumbá, que seria o território de circulação tradicional dos Guaná, Cândido Rondon encontrou diversas aldeias abandonadas e boa parte da população Terena dispersa pelas fazendas. A demarcação de algumas áreas naquele momento (1904-05) possibilitou uma certa reestruturação da vida comunitária Terena, com o retorno de muitas famílias que se encontravam vivendo nas fazendas para as aldeias. Esse período marca, na história oral Terena, o final do "tempo da servidão" nas fazendas.

No entanto, as áreas reservadas aos Terena a partir do início deste século não foram suficientes para garantir-lhes a autonomia necessária frente à sociedade envolvente.

Atualmente os Terena aldeados habitam o oeste de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Anastácio, Sidrolândia, entre outros. Há também Terena aldeados no Estado de São Paulo, região para a qual foram deslocados há aproximadamente cinquenta anos pelo extinto SPI.

Destacamos o termo "aldeados" pelo fato de ser cada vez maior o número de Terena que se dirigem à periferia das cidades da região em busca de melhores condições de sobrevivência.

As raízes desse êxodo em direção aos centros urbanos estão na exigüidade das terras das comunidades Terena, pequenas "ilhas" cercadas por grandes fazendas, incapazes de comportar a grande população desse grupo étnico - não há dados precisos a respeito do total

da população Terena, mas acredita-se que seu número atinja 19.000 pessoas, vivendo basicamente de agricultura de subsistência e do trabalho temporário nas usinas de cana-de-açúcar

Grande parte da população das comunidades Terena localizadas no estado do Mato Grosso do Sul não mantém o uso da língua tradicional, senão em algumas áreas específicas, como no caso da A.I. Cachoeirinha, no município de Miranda.

As mudanças decorrentes da colonização do sul do Mato Grosso acarretaram mudanças significativas no sistema social indígena, estimulando alguns arranjos organizatórios capazes de manter uma coesão tribal constantemente ameaçada.

Introdução

Variante 1

As línguas indígenas faladas atualmente no Brasil têm sido consideradas, de maneira geral, em desuso por suas comunidades de falantes. Esse fato tem provocado preocupações diversas, em diversos setores da sociedade, quanto aos mecanismos que seriam capazes de inverter esse processo. A educação escolar tem sido um desses mecanismos que mais freqüentemente vêm sendo tomados nesse sentido. O estabelecimento de uma grafia, bem como a documentação impressa das línguas em desuso, seriam as maneiras hipoteticamente possíveis para a conservação do uso da língua indígena. No interior da escola, dentro da sala de aula, a língua tradicional, em desuso pelo grupo, poderia "revitalizar-se" entre os alunos, para assumir, novamente, seu papel de veículo de comunicação formal e informal na fala cotidiana da população.

Muito embora esse papel a ser assumido pela educação escolar ainda não tenha tido uma eficácia assegurada, a realidade do uso da língua para além dos muros da escola precisa necessariamente ser conhecida. Considerando que a língua tradicional do grupo cumpria suas funções veiculares em seu uso cotidiano e ritual, dentre outros, sua compreensão no ambiente escolar dificilmente pode garantir sua expansão para outros ambientes e para outros falantes.

Neste sentido é prioritário conhecer com exatidão os ambientes em que o uso da língua tradicional do grupo se mantém e as pessoas que ainda são capazes de fazê-lo. A partir de uma descrição dessa natureza será possível compreender mecanismos viáveis para estimular a reprodução desses ambientes.

As comunidades Terena localizadas no estado do Mato Grosso do Sul passam por situação semelhante a que foi descrita. Grande parte de sua população não mantém o uso da língua tradicional, senão em algumas áreas específicas, como no caso da A.I. Cachoeirinha, no município de Miranda. Os professores, que em quase sua totalidade são da própria comunidade falam em Terena na sala de aula, cujo ensino, na aldeia, vai até a 4ª série do 1º Grau. Entretanto há uma resistência da comunidade em sistematizar esse uso da língua Terena na língua oficial da alfabetização já que entendem que os resultados imediatos de um curso dessa natureza não os auxiliem nas relações com as comunidades regional e nacional brasileiras.

A situação do uso da língua Terena pela própria comunidade é ainda muito pouco conhecida, sendo tão somente considerada a partir de opiniões pessoais dos próprios Terena, de funcionários da FUNAI ou de outros profissionais que atuam nas áreas. Neste artigo apresentamos a situação do uso da língua nas diversas áreas Terena.

O decreto presidencial n. 22, de 1991, alterou significativamente as responsabilidades pela educação indígena do país, repassando-as formalmente às Secretarias de Educação Estadual e Municipal e determinando, constitucionalmente, que as escolas indígenas fossem diferenciadas do restante das escolas oficiais, como forma de garantir a diversidade cultural de cada povo. A consequência imediata deste decreto foi a redução, pelas Secretarias de Educação, da especificidade a que as escolas indígenas teriam direito a imposição de uma alfabetização na língua materna.

Os Terena acreditam que o baixo rendimento dos alunos, sobretudo na passagem da 4ª para a 5ª série do primeiro grau, quando os alunos são obrigados a deixar a escola da aldeia para ingressarem em escolas localizadas em municípios urbanos próximos, está associado diretamente ao fato de tratar-se de alunos falantes do Terena, pouco proficientes na língua portuguesa, que encontravam dificuldades em acompanhar as atividades escolares normais de uma escola pública em ambiente monolíngüe português. Ressalte-se que, nas escolas em área Terena, especialmente em Cachoeirinha, as aulas são ministradas tanto em língua portuguesa

quanto em Terena; fato, entretanto, que não se repete em Lalima, onde as aulas são ministradas exclusivamente em português. Segundo essa hipótese, o aproveitamento dos alunos Terena originários de escolas de Cachoeirinha e de Lalima teria de ser bastante diferenciado entre si. A mesma diferença deveria manifestar-se, também, entre alunos proficientes na língua Terena e os não proficientes.(a)

O conhecimento e o uso da língua Terena, entretanto, pareceu super-avaliado no que diz respeito ao processo de aquisição de conhecimentos específicos da educação escolar, não somente por um hipotética influência negativa, mas também por um desconhecimento da situação de uso próprio da língua nas diversas comunidades.

Em suas comunidades, os Terena têm longa tradição escolar, inclusive com professores já aposentados. Esse fato, entretanto, não lhes têm possibilitado desenvolver suas próprias investigações quanto à macro compreensão dos problemas que enfrentam em suas atividades corriqueiras. Dificuldades, principalmente, de natureza material, associadas às de natureza teórica, têm se anteposto às soluções que desejam obter. O acesso às várias comunidades Terena é demasiadamente custoso, não só quanto ao transporte necessário para um equipe relativamente extensa, mas também quanto à própria manutenção dessa equipe para o trabalho de obtenção de informações nas áreas e nos períodos subseqüentes para o processamento das informações adquiridas. Por se tratar de comunidades numerosas, os dados obtidos partirão de centenas de entrevistas e somarão milhares de informações que, para serem cruzadas de forma a se obter resultados, preconizarão o trabalho de mais de uma pessoa durante um longo período. Da mesma maneira, mesmo com os dados devidamente coletados e processados, faltam, aos professores Terena, modelos teóricos que lhes permitam interpretações seguras dos resultados obtidos, nesse caso, modelos estatísticos e lingüísticos, disponíveis apenas em manuais técnicos de leitura difícil para os não iniciados.(b)

Variante 2

Estou indo para uma reunião(c), ao chegar me deparo na entrada da sede da AITECA com 2 velhos conversando e duas crianças brincando com um jogo de dominó . Eles não pressentem a minha presença. As crianças conversam em terena e os velhos em português.

Os Terena são considerados, via de regra, como um dos grupos mais “aculturados” do país.(d) Na bibliografia e referências a respeito dos Terena é comum a citação de que eles não são mais falantes da língua Terena.

No município de Miranda, existem 6 aldeias Terena, Cachoeirinha, Babaçu, Argola, Morrinhos, Moreira e Passarinho. Nestas 2 últimas não se fala mais o Terena. Situadas praticamente na periferia de Miranda, quase não dispõem de terras para seu cultivo sendo vistas como fornecedores de mão de obra para a cidade de Miranda. A situação das demais aldeias é diferente, em graus variados continuam usando a língua Terena como forma de comunicação e transmissão de conhecimentos. A situação quanto ao uso da língua Terena nestas aldeias, será discutida neste texto, tendo como base os dados obtidos pelos questionários aplicados nestas aldeias durante o levantamento coordenado pelo Prof. Waldemar Ferreira Netto e por mim.

Para entender o uso político e a importância que a língua Terena tem para o povo Terena atual temos de considerar as características culturais daquilo que é chamado pelos antropólogos e historiadores como o expansionismo Aruak, que vem a determinar a maneira como os Terena atuais constroem a sua identidade enquanto povo e suas diretrizes políticas no relacionamento com a sociedade nacional.

Como processo, a identidade e a língua, são transformadas dependendo dos enfrentamentos pelos quais passa na realização cotidiana de sua própria história. Ou seja, uma coisa é como o Terena se identifica para si mesmo ou fala entre si, outra coisa é como ele se apresenta para o “branco” sua identidade e, nesta relação, utiliza esta ou aquela língua, portanto como, em diferentes situações, ele mobiliza diferencialmente estes ou aqueles qualificadores sobre si mesmo. Nesta linha de pesquisa estaremos nos indagando:

-como os Terena conservam e organizam as suas estruturas sociais e lingüísticas de ordenação e significação do cotidiano e de orientação de trocas de seus membros com o mundo do “branco”?

-qual a relação entre uma referência tradicional cultural e linguística e a construção de um estilo de vida, e de uma identidade, em circunstâncias totalmente distintas?

-como os Terena preservam a sua unidade social e linguística continuando a existir como uma realidade social etnicamente diferenciada?

Um povo com uma organização extremamente sofisticada (d), dividida em um sistema de castas, vive hoje em uma retração territorial incompatível com sua vocação de agricultor. Entretanto continua mantendo o mesmo padrão de reprodução física, com famílias numerosas. Esta é na verdade a condição necessária para que os Terena possam se reproduzir nos dois mundos: o mundo dos brancos, aquele das cidades e o mundo dos terena, aquele das aldeias. Toda casa mantém alguns dos filhos, se possível de ambos os sexos, vivendo no interior da aldeia e expelle alguns de seus filhos para viver nas cidades, de Miranda à Campo Grande, casando-se, se possível com os purutuíé (corruptela de "português", forma com que os terena designam os não índios). Esta situação será exemplificada com o levantamento populacional da aldeia de Cachoeirinha e com as histórias de vida e a genealogia do grupo de siblings selecionado como referência e a de alguns de seus afins.

A possibilidade dos Terena hoje manterem o seu "modus vivendi", e com isso a sua língua, passa por uma política de expansão, aparentemente contraditória com as condições precárias em que são obrigados a viver. Citando Cardoso de Oliveira : "Firth, notadamente já em 1936, com sua obra clássica *We, The Tikopia*, até seus mais recentes artigos (1954,1955), mostrava a necessidade de se estudar como procedia o grupo social quando, ao se tornar incapaz de atender aos requisitos estruturais, se via na contingência de apelar para alternativas. Problemas concernentes à herança, nomeação, controle social, etc. passam a surgir quando um dos termos da equação deixa de existir. O registro das respostas que o grupo acha nesta emergência e que passam , inclusive, a ser institucionalizadas em certos casos, tratando-se de grupos em transição, oferece tanto interesse ao pesquisador quanto aquelas respostas consideradas do tipo convencional."(1983;32).

Este estudo sociolinguístico particular pode contribuir para o entendimento mais global da interação contínua e tensa entre as forças que promovem a integração de um grupo étnico à sociedade nacional e os processos de diversidade, derivados não só da tradição e da vida comunitária, mas de sua emergência no contexto de outras associações que se processam na

memória ,coletiva e individual, e que recriam a autonomia local: o modo como um povo mantém e transmite a sua língua e sua identidade em condições adversas e os mecanismos que desenvolve para tornar possível a condição dessa manutenção.

Notas

A- Para tanto, seria necessário conhecer essa situação de uso da língua Terena e cotejá-lo com o aproveitamento dos alunos Terena nas escolas dos municípios próximos das comunidades, em particular, de Miranda, MS. Como contrapartida do projeto de "Pesquisa Sociolingüística nas Áreas Terena do Município de Miranda, MS", o CTI realiza, paralelamente, outra investigação, junto à Secretaria Estadual de Educação do MS e da Secretaria Municipal de Educação de Miranda, MS, que visa à verificação do aproveitamento dos alunos Terena nas escolas públicas que freqüentam. Estes foram os questionamentos que, principalmente, motivaram os professores Terena a incentivar a realização de um levantamento dessa natureza.

B -Com o propósito de oferecer os resultados do trabalho de pesquisa bem como de instrumentalizá-los teoricamente, a "Pesquisa Sociolingüística nas Áreas Terena do Município de Miranda, MS" tem sido realizada com o acompanhamento de vários professores Terena. Assim, além da participação de professores Terena durante a elaboração do projeto, e na etapa de coleta de dados nas comunidades, o CTI realizou em parceria com o Departamentos de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, um curso no mês de outubro/96, com a participação de professores Terena das três áreas indígenas de Miranda. Nesse curso, além da discussão dos resultados apresentados, procurou-se, também, com o auxílio do professor Maurício Gnerre, dar rudimentos de teorias lingüística, fonética e fonologia, em particular, que têm orientado a elaboração dos diversos trabalhos lingüísticos nas áreas ind ígenas do Brasi

C- A reunião referida é uma reunião da AITECA, Associação Terena de Cachoeirinha, realizada na sede da AITECA na aldeia Cachoeirinha com uma participação de 47 homens.

D- Tradicionalmente a estrutura social Terena estava dividida em 2 grupos distinto e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos, "Kauti" (neologismo criado para designar os

“cativos” obtidos na guerra ou nas sortidas organizadas para a captura), “aquele que nós não somos” e o grupo social dominante, os Terena, o grupo “daqueles que somos nós” e que se dividia em 2 sub-grupos: os “Naati” o grupo dos possíveis chefes e suas parentelas e os “Waherê-Txané, aquele dos homens comuns ou “povo”. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão dos Kauti, em 2 metades, Xumonó e Sukirianó, cujas funções, de colaboração na regulamentação do matrimônio eram instauradas através dos cerimoniais (ver Cardoso de Oliveira, 1983; 34-35-36-37)

E- É nossa proposta na tese discutir e analisar o modo com que os Terena mantém a sua própria língua através do domínio da língua portuguesa. Para isso nos deteremos na análise do uso da língua terena e do português em um grupo de siblings e seus descendentes. A pesquisa parte do levantamento de como através do tempo e em contextos diversos um grupo familiar Terena, em uma profundidade genealógica de 4 gerações, estabeleceu arranjos diferenciais na utilização da língua Terena e na garantia de sua manutenção enquanto um sistema vivo e operante. As histórias de vida que vem sendo coletadas são entendidas como uma técnica de captação de dados. A história de vida se configura, no caso das sociedades indígenas, como história oral, valorizando portanto a memória como fator dinâmico na interação entre passado e presente. A memória está integrada com atitudes, perspectivas e compreensões que mudam constantemente, na medida em que valoriza os dados da experiência passada segundo o contexto do presente e vice-versa. Esperamos poder demonstrar, através da síntese das várias histórias de vida, como, ao converter a dominação a que estão sujeitos em uma ordem interna, os Terena conseguem criar uma autonomia política que transparece no esforço de manter uma participação autocontrolada no processo de integração com a sociedade nacional e na configuração de uma política linguística própria.

II-Uma radiografia do uso da língua Terena

- A pesquisa

Realizada em julho/95 e outubro/96, a “Pesquisa Sociolingüística nas Áreas Terena do Município de Miranda, MS” uma realização da Universidade de S. Paulo e do CTI,

desenvolveu-se sob a coordenação do professor Waldemar Ferreira Neto e da doutoranda em questão Maria Elisa Ladeira, envolvendo ainda um conjunto de 5 alunos de graduação e um assessor do Centro de Trabalho Indigenista.(F)

Considerando-se que o propósito da pesquisa era tão somente verificar a extensão do uso da língua Terena nas comunidades Terena de Miranda, não houve a preocupação de valer-se de testes sociolingüísticos rigorosos, para avaliar a variação interna à própria língua. O objetivo básico foi estabelecer um mecanismo de avaliação da proficiência do entrevistado na língua Terena. Assim, optou-se pela aplicação de um conjunto de questões abertas, gravadas em fitas cassete, para as quais o entrevistador orientava-se por um conjunto de perguntas previamente estabelecidas.

O conjunto de perguntas dividia-se em três blocos básicos:

- 1) *identificação do entrevistado*, no qual procurava-se conhecer a história de vida de cada um, sua origem étnica, idade, sexo, filiação, estado civil, escolaridade e algumas informações subjetivas sobre o uso da língua;
- 2) *conhecimento da língua*, no qual procurava-se verificar a proficiência do entrevistado na língua Terena, a partir de alguns estímulos como gravações em língua Terena e em língua portuguesa que teria de traduzir para o Português e para o Terena, uma seqüência de desenhos, a partir da qual teria de criar uma narração em Terena e em Português e uma seqüência de fotografias, em que apareciam objetos comuns, mas estranhos à cultura tradicional Terena, e objetos tradicionais da cultura Terena, os quais teria de denominar em Terena e em Português;
- 3) *uso da língua*, no qual, a partir de questões fechadas, o entrevistado teria de oferecer respostas tipo “sim” ou “não” a perguntas sobre o uso da língua Terena em situações específicas.

Por tratar-se de um conjunto de questões abertas, a avaliação objetiva da proficiência lingüística do entrevistado teve de pautar-se pelas traduções dos textos em Terena e em Português, pelas narrativas, também nas duas línguas, e nas respostas dadas às solicitações dos nomes, igualmente em Terena e em Português, dos objetos que apareciam nas fotografias.

Em julho/95 foram gravadas em fitas cassete 308 aplicações do questionário. Nessa mesma pesquisa, foram realizadas também, 12 gravações, em vídeo cassete, de depoimentos em língua Terena de pessoas idosas. Na pesquisa realizada em outubro/96 foram realizadas gravações em fitas cassete, de depoimentos de jovens e de adultos, bem como, gravações em vídeo cassete de depoimentos de indivíduos das mesmas categorias de idade.

- A radiografia da situação apresentada pela análise dos dados

Os gráficos 1,2 e 3 sobrepondo as variáveis local de nascimento/ sexo/ idade/local de gravação nos indicam, de um modo geral, uma baixa incidência de mobilidade entre os Terena. É que esta pouca mobilidade independe do sexo e idade. Praticamente a população das aldeias nasceu em aldeias, e o retorno daqueles que nasceram nas cidades ou fazendas, considerados no gráfico com em outro local/local desconhecido, para as aldeias é quase que nulo. Mesmo naquelas aldeias como Moreira e Passarinho onde a proximidade com a cidade de Miranda é muito grande, os moradores nasceram nas aldeias.

A situação de pouca mobilidade espacial expressa nestes gráficos está de acordo com a proposição de que a perda do antigo modelo de vida e conseqüentemente de aspectos importantes que regiam a organização social, como por exemplo o sistema de classes e de metades endogâmicas ou o sistema de chefia, obrigou os Terena a transferirem para um domínio cada vez mais restrito à aldeia as trocas sociais e simbólicas que antes do contato eram estendidas em toda a sua amplitude aos limites internos de suas classes ou metades. Os Terena sabem que, mesmo no interior da reserva indígena não é mais possível recuperar e manter vivo antigos padrões de vida, assim os adaptam a um estilo comunitário de «vida na aldeia» em que mesclam antigas referências com os novos hábitos e costumes decorrentes de sua relação com os brancos. Isto significa que a identificação é dada pela aldeia de origem: a aldeia de onde eu sou, já que ela expressa os limites reais de vivência social. Ou seja, se antes o pertencer a uma das metades cerimoniais (Xumonó e Sukirianó) era para os Naati e Wahere uma referência definidora de sua identidade e possibilidade de relações sociais (e matrimoniais), na atualidade estes padrões são referidos através do pertencer a uma aldeia, aquela em que se nasceu.

Sem dúvida poderíamos acrescentar a estas considerações o fato de que a pouca mobilidade pode ser expressão também de uma alta densidade populacional acrescida de áreas insuficientes para a reprodução do grupo, ou seja aldeias terena já superpovoadas. "Sair da aldeia", não de forma temporária, prática usual entre os jovens quando do trabalho na changa, e entendida como possibilidade de se permanecer dentro da reserva, mas como uma alternativa definitiva, expressa principalmente através do matrimônio com "os de fora", um risco de encontrar resistência da comunidade caso se queira voltar para o interior da reserva.(G).

Este quadro é decorrente também da exiguidade de terras dentro da reserva, disputada acirradamente entre os homens para o trabalho da lavoura, da qual tiram seu sustento e o de sua família. Lembramos que estamos nos detendo em uma situação limite- territórios exíguos, alta densidade populacional, características culturais expansionistas- e que a pesquisa foi realizada entre os Terena moradores das aldeias. Há um conjunto de aproximadamente 3 mil Terena vivendo nas cidades cuja grande maioria nasceu nas aldeias. O que a pesquisa aponta é um fechamento das áreas indígenas ao retorno daqueles que saíram e uma consequente tendência ao "casar entre si".

O gráfico n.4 -*A distribuição de notas, considerando a variável sexo* -, assim como os subsequentes, indicam uma quase igualdade, atualmente, entre homens e mulheres quanto ao domínio da língua Terena. Este equilíbrio significa que esta habilidade mantém as condições básicas necessárias para sua reprodução no interior da comunidade falante. Entretanto nos indica também que metade da população terena do município de Miranda não tem um domínio mínimo necessário da língua terena para garantir a sua reprodução.

O gráfico 5 -*A distribuição de Notas, considerando a variável Categoria de Idade* - nos indica um percentual de 18,73%/jovens, 27,39%/adultos e 48,78%/velhos em relação ao maior domínio da língua terena, entretanto estes dados devem ser avaliados com cuidado, em relação a uma desvitalização da língua. Mas sem dúvida o quadro informa que, agrupando-se as notas 1 e 2 como « não falantes» e 3 e 4 como «falantes», teríamos um percentual praticamente inverso entre jovens e velhos, pois como jovens não falantes teríamos 67% , contra apenas 32% de falantes e 75% de velhos falantes e 24% de não falantes.

O gráfico n.6 -*A distribuição de Notas, considerando a variável Local de Gravação* -nos confirma a aldeia de Cachoeirinha como aquela em que o domínio da língua é generalizado na população, com um índice de 78,4%. E a aldeia de Lalima como aquela em que a língua Terena não é mais utilizada por 89,8% de sua população, não tendo condições mínimas, pelo baixo número de falantes para garantir, em qualquer programa, a sua reprodução. Diferença significativa aparece em relação as 2 aldeias do P.I Pílade de Rebuá: a aldeia de Moreira, separada da de Passarinho por apenas uma rua, situada no mesmo contexto de «periferia» da cidade de Miranda, mantém ainda um número relativamente significativo, 40,9% de falantes enquanto Passarinho apresenta um índice de 31,5% de falantes.

Podemos observar nos gráficos 8 e 9 :*A distribuição de Notas, considerando a variável Sexo e a variável Local de Gravação, A distribuição de Notas, considerando a variável Local de Nascimento* uma variação significativa entre os sexos no domínio da língua Terena nas aldeias de Babaçu e Moreira, sendo que em ambos os casos as mulheres apresentam um domínio bem menor. Agrupando-se as notas 1 e 2 como « não falantes» e 3 e 4 como «falantes», teremos uma percentagem, na aldeia de Babaçu, de 62% de falantes masculinos contra apenas 38% de mulheres consideradas como «falantes». Na aldeia de Moreira os índices são de 50% de homens «falantes» contra 30% de mulheres na mesma categoria. Nas demais aldeias a variação é pouco significativa, Argola com 84 % de homens «falantes» e 80% de mulheres, Cachoeirinha com 77% de homens «falantes» e 82% de mulheres, Lalima com 11,7% de «falantes» masculinos e 8,5% de «falantes» femininos, e finalmente Passarinho com 36% de «falantes» homens e 25% de «falantes» mulheres.

De qualquer modo é muito expressivo o fato de que, com exceção de Cachoeirinha, nas demais aldeias as mulheres apresentam um domínio menor, em graus variados, mas de qualquer modo um domínio menor da língua Terena que os homens. Considerando que tradicionalmente são as mulheres que permanecem um tempo maior junto às crianças pequenas desempenhando assim um papel significativo na reprodução do sistema social e linguístico, é significativo que justamente elas tenham um domínio menor da língua terena.

Esta diferenciação, de um modo genérico, pode ser resultante da divisão sexual do trabalho. Atualmente a população terena soma 15 mil índios vivendo em 8 pequenas glebas de terra reservadas pelo governo. Tradicionalmente agricultores, são poucos os terena, que vivem

nas chamadas «reservas» que conseguem com seus pequenos roçados produzir algum excedente de mandioca e feijão. A grande maioria vive do emprego de sua mão de obra nas destilarias de álcool de cana de açúcar e do trabalho temporário nas fazendas da região. De qualquer modo, via de regra, estas saídas se dão em grupos de «patrícios» de uma mesma aldeia, quando continua existindo a possibilidade do falar em terena. Diferentemente das mulheres, que colaboram com o trabalho externo para o sustento da casa, através de seu emprego, individual, como empregada doméstica, quando a possibilidade do falar em terena é restringida. Mesmo quando saem em grupos para vender em Corumbá, Campo Grande sua cerâmica ou o excedente das roças, a exigência do domínio do português é muito forte e o fato de estarem expostas constantemente aos olhos dos «purutuyé» (corruptela de português, termo empregado pelos terena ao se referirem ao homem branco), pode vir a ser um fator de inibição para o falar em terena entre si.

Outro aspecto importante indicado pelo quadro acima é que das 3 aldeias que compõem o universo do P.I. Cachoeirinha, considerado um dos mais tradicionais no universo Terena, a aldeia de Babaçu é a que apresenta uma menor percentagem de falantes, com índices muito abaixo das outras 2 aldeias. Esta situação deve merecer uma atenção especial no sentido de se verificar quais as causas que fazem de Babaçu uma situação tão particular no universo do P.I. Cachoeirinha. Agravado pelo desequilíbrio entre os sexos, já apontado, quanto ao domínio da língua terena.

Analisando os dados apresentados por Rezende (1997) (in Censo Populacional da A.I. Cachoeirinha/CTI) a população feminina na aldeia Cachoeirinha é inferior que a masculina em todas as faixas etárias em quase que 10% em um total de 45,57% de mulheres e 54,43% de homens, o mesmo ocorrendo em todas as demais aldeias da área indígena . Este quadro esta de acordo com os dados apresentados quanto ao número significativamente maior de mulheres que vivem nas cidades. Em Campo Grande , a cidade que abriga o maior número de terenas desaldeados, existem 33 homens para 51 mulheres que saíram da aldeia de Cachoeirinha e no computo geral das demais cidades vamos encontrar 43 homens para 66 mulheres

Em relação aos gráficos 10 e 11: *A distribuição de Notas, considerando a variável Sexo e a variável Local de Nascimento e A distribuição de Notas, considerando a variável Categoria de Idade e a variável Local de Gravação* estamos considerando como «falantes» a soma

daqueles que obtiveram nota 3 e 4. Desta forma traduzindo percentualmente o quadro acima, vemos que a categoria jovens tem um domínio da língua terena de 100% na aldeia de Argola e Cachoeirinha, o que indica a língua terena enquanto um sistema vivo e operante. As categorias adulto e velho apresentam, respectivamente, 100% e 80% na aldeia de Argola e 75% e 77,7% em Cachoeirinha. O que indica uma curva ascendente. Uma curva animadora para se ter como referência de futuro para as demais aldeias Terena de Miranda.

Na aldeia de Babaçu a diferença é de 25% de jovens falantes contra 42,8% de adultos e 80% de velhos, o que indica uma linha decrescente de forma muito rápida. Esta mesma situação vamos encontrar na aldeia de Moreira, onde a diferença é de 15,3% de jovens falantes contra 66% de adultos e 100% de velhos e numa gradação menor na aldeia de Passarinho, onde apenas 12,5% dos jovens são falantes de terena contra 75% de adultos e 66,6% de velhos.

Podemos observar nos quadros *A distribuição de notas considerado a variável categoria de idade (cri x jov x adu x vel) e s variável local de nascimento.* que a diferença quanto ao local de nascimento e o domínio da língua não parece ser preponderante. Dos homens nascidos em aldeia 46% são falantes contra 37% dos que nasceram em outros locais. E em relação as mulheres nascidas em aldeia 42% são falantes contra 30% das que nasceram em outros locais

A pesquisa indica que devemos considerar, na definição de qualquer política linguística e educacional de valorização da língua terena, a situação de cada uma das aldeias analisadas de forma diferenciada. As aldeias de Passarinho e Lalima, que apresentam um domínio precário da língua terena, devem merecer uma atenção especial. Entretanto a redução de qualquer programa de “revitalização” da língua, a seu ensino nas salas de aula, pode atender as exigências governamentais, mas trará muito poucos resultados efetivos. É necessário que continuemos analisando os dados obtidos para que os órgãos governamentais competentes possam definir com mais clareza, juntamente com os grupos Terena em questão, um programa viável. Por outro lado esta discussão envolve a possibilidade e a vontade destes Terena em reforçar a sua identidade utilizando o domínio da língua enquanto um elemento contrastivo.

Em resumo, esta primeira radiografia das aldeias resultante do levantamento sóciolinguístico:

- confirma a aldeia de Lalima como aquela que apresenta o menor domínio da língua terena. O futuro linguístico dessa aldeia merece um tratamento diferenciado em relação ao restante das aldeias terena de Miranda. As razões reportam à origem desta aldeia, na verdade uma aldeia Guaicurú, e que por questões, cuja análise foge do propósito inicial deste levantamento, optaram por uma identificação enquanto «terena» no seu relacionamento com as entidades governamentais do estado e do município de Miranda. Por este motivo ela não será considerada para efeito de análise no decorrer da tese como uma aldeia Guaná.

- destaca a aldeia de Babaçu do conjunto das outras aldeias do P.I. Cachoeirinha, mostrando uma situação extremamente preocupante. As aldeias deste P.I. sempre foram consideradas como as mais tradicionais do universo Terena, não só de Miranda, como de todo o estado do Mato Grosso do Sul. Neste levantamento, Babaçu aparece quase que na mesma posição que a aldeia de Moreira (P.I. Pílade de Rebuá). Há que se analisar com urgência as causas que estão levando os moradores desta aldeia a optar por um domínio maior do português que da língua terena. Deve ser considerada como uma área prioritária de atuação.

- confirma as aldeias de Cachoeirinha e Argola, do P. I. Cachoeirinha, como aquelas onde a língua terena é um sistema vivo e operante.

- apresenta a aldeia de Moreira com um índice muito mais significativo de falantes de terena do que a observação comum e o consenso genérico dos que vêm acompanhando a situação destes terena nos últimos anos fazia supor. Apesar de estarem situadas no mesmo contexto sócio-econômico da «periferia » de Miranda, os dados indicam Moreira como valorizando mais que sua vizinha , a aldeia de Passarinho, o uso da língua terena como meio de comunicação e expressão.

Esta primeira análise dos dados do levantamento indica também resultados que devem merecer um estudo mais aprofundado:

- que as mulheres, com exceção da aldeia de Cachoeirinha, tem um domínio menor da língua terena que os homens.

- que a diferença, em relação ao uso da língua, entre os mais velhos e os mais jovens , com exceção de Argola e Cachoeirinha é muito acentuada.

- que verificar a existência de variantes sociais da língua, eventualmente implicadas nas variáveis já conhecidas, pode indicar os rumos possíveis para uma política de estímulo ao uso da língua Terena.

Pensamos que o desequilíbrio entre os sexos quanto ao uso da língua terena, que passa despercebido ao senso comum, possa estar relacionado com o desequilíbrio entre as gerações. De qualquer modo, se projetarmos este desequilíbrio para o futuro, a previsão é de que daqui a no máximo mais duas gerações, o português terá se tornado a língua primeira. Sem dúvida vale a ressalva que esta previsão pode ser alterada, por vontade do povo Terena e com o apoio dos órgãos governamentais e afins competentes. Mas tenhamos claro também que a opção linguística do grupo decorre da sua situação de contato, ou seja é a solução encontrada pelos Terena para combinar um crescimento demográfico e o confinamento, em territórios exíguos, a que estão submetidos. Caso esta situação venha, de algum modo, ser alterada é possível que seja criado um contexto onde a língua terena possa ser reafirmada como a língua primeira.

Ferreira Netto analisando os dados desta mesma pesquisa nos aponta " é facilmente perceptível que a proficiência aumenta ou diminui a proporção que aumentam ou diminuem as faixas etárias dos moradores. O gráfico aponta para o risco de, em poucas gerações, não haver uma curva crescente de proficiência, senão de forma muito tímida, com seu ápice atingindo algo em torno de 20% da população terena, caso não ocorram mudanças nas condições de uso da língua" (1982;2)

Neste mesmo artigo Ferreira Netto chama a atenção de que na aldeia Cachoeirinha " a variação do conjunto acumula-se apenas nas gerações limites, caracterizando um grupo médio de falantes Terena em idade produtiva. É de salientar-se que o ápice da curva de proficientes ocorre na categoria dos jovens e, daí em diante, decresce progressivamente até a categoria dos velhos. O grupo de moradores dessa aldeia parece ter retomado o uso da língua em duas gerações após um período crítico em que houve risco de abandono da língua.."(1998;2)

Esta afirmação está coerente com a chamada introdutória deste relatório quando noto na entrada da reunião da AITECA, as 2 crianças falando em terena entre si e os 2 velhos falando em português. Nos leva igualmente a refletir sobre o cuidado em se tomar como absolutas as indicações resultantes de uma pesquisa sóciolinguística baseada apenas em uma metodologia

de questionário. A reificação destes dados destacados de uma perspectiva processual pode induzir a uma análise empobrecedora da realidade. Por isso nossa preocupação em verificar como este processo de manutenção da língua Terena se dá através da história de vida de uma família, os Albuquerque, objeto do que vem sendo um outro capítulo de nossa tese. Mas esta já é uma segunda estória.

Gráficos:

obs: Os gráficos não puderam ser enviados pelo disquete. Problemas de vírus. Eles estão no final das 5 cópias impressas . Caso a Anpocs queira eles podem ser inseridos no corpo do texto.

Notas

(F) – A equipe envolvida no levantamento de campo : Ana Lúcia Dantas de Viveiros, Rosangela Anzzelotti, Luciana H. Siqueira de Castro, Dayane Cristina Pal, Néelson José Tercino, Rogério Alves de Rezende e, ainda coma apticipação dos Professores da Aprotem /Associação dos Professores Terena de Miranda, e de Élcio de Albuquerque, jovem Terena responsável pela bibliovideoteca da AITECA.

(G)Ao contar a história de sua família, os Albuquerque, Alberto, uma liderança terena e atual presidente da AITECA , aponta a dificuldade que foi para o seu pai voltar para a reserva , depois de uma ausência de 7 anos. O chefe da aldeia na época, capitão Julio Siriaco, recusava permissão para Alexandre, seu pai, estabelecer moradia na aldeia de Cachoeirinha , “ele alegava que por ter passado um tempo para fora ele não era mais índio, foi quando meu pai falou com o compadre dele que era Chefe de Posto na época, sr. Américo. O chefe de Posto teve que conversar muito com o cacique e mostrar todos os documentos do finado meu pai, que era analfabeto.....se não fosse o Chefe de Posto o cacique atual na época não estava aceitando ele Eu já não lembro muito bem dessa história, meu pai contava para mim:- meu

filho, foi difícil de nós voltar novamente para a nossa área...então meu filho não sai daqui, fica aqui, aqui você constroi a sua vida.." (Alberto Albuquerque Terena)

Bibliografia citada:

Rezende, Rogério Alves, in Censo Populacional da A.I.Cachoeirinha. Relatório do Centro de Trabalho Indigenista/CTI,1997.S.Paulo-mimeo

Ferreira Netto, Waldemar e Araújo, Érica, in " A língua Terena nas comunidades localizadas no município de Miranda-MS" 1998/SP- mimeo USP.

Ferreira netto, Waldemar e Ladeira, Maria Elisa, in "Relatório de Pesquisa Sociolinguística nas áreas Terena do município de Miranda, MS"1997/SP- mimeo USP/CTI

Cardoso de Oliveira, Roberto in Do índio ao Bugre; o processo de assimilação entre os Terena, 1983, Rio de Janeiro